



**TORNAR-SE NEGRA:
UMA ESCRIVÊNCIA FORMATIVA**

**BECOMING BLACK:
A FORMATIVE ESCRIVÊNCIA**

**LLEGAR A SER NEGRA:
UNA ESCRIVENCIA FORMATIVA**

Maristela Midlej Veloso¹**RESUMO**

O presente texto é uma escrevivência formativa, um diálogo com minha história de vida e formação com intelectuais negras. É parte da minha pesquisa do pós-doutoramento, intitulada “Redes da criação e autoria de professoras universitárias no contexto da cibercultura”. Tem como objetivo narrar, a partir de minha própria história, processos de embranquecimento que dificultam o letramento racial e revelar como o processo acadêmico e cultural potencializaram o desenvolvimento deste letramento, contribuindo para a minha atuação na formação inicial e continuada de professoras e professores. A metodologia da pesquisa e da escrita se pauta nas abordagens teóricas-práticas das escrevivências (Evaristo, 2020) e da (ciber) pesquisa-formação (Santos 2019). Nos processos de leitura de minhas memórias e de fotografias de meu acervo pessoal, fui compondo nas tessituras das realidades imaginadas por mim, enquanto pesquisadora, minhas interpretações possibilitadas pelo que venho aprendendo e construindo no processo de letramento racial. Concluo, propondo apontamentos para uma educação antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: escrevivências-histórias de vida-educação antirracista**ABSTRACT**

The present text is a formative writing, a dialogue with my life story and training with black intellectuals. It is part of my postdoctoral research entitled “Networks of creation and authorship of female university professors in the context of cyberculture”. It aims to narrate, from my own history, whitening processes that hinder racial literacy and reveal how the academic and cultural process enhanced the development of this literacy, contributing to my work in the initial and continuing education of teachers. The research and writing methodology is based on the theoretical-practical approaches of writing (Evaristo, 2020) and (cyber) research-training (Santos, 2019). In the processes of reading my memories and photographs from my personal collection, I was composing in the textures of the realities imagined by me, as a researcher, my interpretations made possible by what I have been learning and building in the process of racial literacy. I conclude by proposing notes for an anti-racist education.

KEYWORDS: writings-life stories-anti-racist education

Submetido em: 20/10/2025 – **Aceito em:** 16/02/2026 – **Publicado em:** 15/03/2026

¹ Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2014). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2007). Especialista em Informática na Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (1998). Especialista em Gestão e Planejamento de sistemas em EAD pela Universidade do Estado da Bahia (2004). Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1991). É docente do Programa de pós-graduação em Ensino e relações étnico-raciais (PPGER) e da Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e suas tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia <https://orcid.org/0000-0002-6386-1583>

**RESUMEN**

El presente texto es un escrito formativo, un diálogo con mi historia de vida y formación con intelectuales negros. Forma parte de mi investigación posdoctoral titulada “Redes de creación y autoría de profesoras universitarias en el contexto de la cibercultura”. Pretende narrar, desde mi propia historia, procesos de blanqueamiento que dificultan la alfabetización racial y develar cómo el proceso académico y cultural potenció el desarrollo de esta alfabetización, contribuyendo a mi trabajo en la formación inicial y continua de docentes. La metodología de investigación y escritura se basa en los enfoques teórico-prácticos de la escritura (Evaristo, 2020) y (ciber)investigación-formación (Santos, 2019). En los procesos de lectura de mis memorias y fotografías de mi colección personal, fui componiendo en las texturas de las realidades imaginadas por mí, como investigadora, mis interpretaciones posibilitadas por lo que he ido aprendiendo y construyendo en el proceso de alfabetización racial. Concluyo proponiendo apuntes para una educación antirracista.

PALABRAS CLAVE: escritos-historias de vida-educación antirracista

INTRODUÇÃO: DE ONDE VÊM AS IDEIAS?

Por acreditar na força da implicação da pesquisadora com o seu constructo de pesquisa, a partir de suas histórias de vidas pessoais, acadêmicas e profissionais, considero que a pesquisa nas ciências humanas, mais que uma busca de compreensão de uma determinada realidade é uma busca contínua da compreensão de nós mesmas, um processo de autodescoberta. Dessa forma, o estabelecimento do tema de pesquisa, como afirma Marques (2001, p.92), consiste em “[...] demarcar um campo específico de desejos e esforços por conhecer, por entender nosso mundo e nele e sobre ele agir de maneira lúcida e consequente”.

Em concordância com o autor citado, acredito que o tema só é pertinente se ancorado na estrutura subjetiva, corporal do desejante, e que ele deve se “tornar paixão, desejo trabalhado, construído pelo próprio pesquisador” (Marques, 2001, p.92). É das experiências anteriores e dos saberes vistos como insuficientes e limitantes que nasce o desejo de conhecer mais. Portanto, é preciso mostrar essa rede de relações/implicações para compreender o processo de criação (Salles, 2008) da autoria da pesquisadora.

O presente texto é parte da minha pesquisa de pós-doutoramento, intitulada “Redes da criação e autoria de docentes universitárias em tempos de cibercultura”. A pesquisa se insere no campo de estudos da formação/atuação de professores e da docência online. Foi orientada em torno da questão: como ocorre o processo de criação/autoría de docentes universitárias no contexto da cibercultura? Para a escolha das praticantes culturais (Certeau, 2009) definimos os seguintes critérios: professoras universitárias não-brancas que pesquisam e atuam na docência com temas relacionados a educação e relações étnicoraciais e (ciber) feminismo/ativismo negro; que fazem imersão nas redes sociais e mantém uma dialogicidade/interatividade com os seguidores.



Seguindo tais critérios, escolhemos 3 professoras de diferentes instituições da educação superior.

Ressalte-se que, ao longo do percurso do meu doutoramento, procurei compreender as concepções e práticas de autoria do professor e da professora no cotidiano da escola na educação básica. O único critério de escolha das/dos praticantes, naquele período, foi aqueles professores que estivessem dando indícios de modificação nas práticas pedagógicas mais tradicionais ou outros que estivessem abertos para a criação de novas práticas e experimentações e demonstrassem interesse pela pesquisa intitulada “O professor e a autoria no contexto da ciberultura: redes da criação no cotidiano da escola”, concluída em 2014 na Universidade Federal da Bahia². Uma história que começou desde as minhas primeiras experiências escolares, as quais narro na tese de doutorado e deixo a construção do trabalho a partir de uma lacuna – muito tempo presente na minha vida relacionada à autoria, dificuldade de elaborar textos e lidar prazerosamente com a escrita (forma de expressão quase hegemônica na escola tradicional), expressando conhecimentos, opiniões, necessidades e emoções. Uma dificuldade de me autorizar.

A educação bancária (Freire, 1987) se fez presente na minha formação nas séries iniciais e no ensino médio, o que conseqüentemente, trouxe marcas para a vida profissional e para minha atuação como docente, gerando desafios para criar práticas pedagógicas mais autorais e menos reprodutoras. É possível dizer que foi, principalmente, essa lacuna que despertou o desejo de investigar o que é ser professor-autor na ciberultura e como se erigia o percurso da autoria, considerando que os princípios que regem a cultura atual exigem uma pré-disposição, uma abertura para a construção de projetos autorais, conseqüentemente uma formação específica.

No acompanhamento das praticantes implicadas em seus processos criativos e formativos em ambientes online e presenciais, junto com suas obras entregues ao público (livros, artigos, vídeos, podcast, práticas pedagógicas etc), encontramos elementos constituintes de tais percursos que me ajudaram a refletir sobre o meu próprio processo de autoria da escrita da minha tese de doutorado, momento conflituoso pela dificuldade de me autorizar a me expressar. O desejo, a possibilidade e, também, a obrigatoriedade de colocar no papel as ideias me causavam certa ansiedade, por achar que as observações e reflexões durante a pesquisa poderiam ser avaliadas como irrelevantes. Em certos momentos, ocorreu-me o receio de plagiar os autores que embasavam o trabalho, por querer escrever o que já estava legitimado na

² Ver tese disponível em:< [INSERIR LINK](#)> Acesso abril 2023.



literatura teórica. Era quando emergia a hesitação de como colocar a escrita do outro no texto de minha autoria.

Com meus estudos atuais, principalmente no tocante ao feminismo negro (Carneiro, 2019; Gonzalez, 2019) e ao letramento racial crítico (Ferreira, 2015; Santos, Edméa et al, 2022), percebo que essa insegurança, a minha não confiança em relação à autorização da escrita, se dava e ainda continua se dando, apesar de ter evoluído, pela não validação das mulheres, principalmente, mulheres negras na academia e na escrita. A não representatividade, a não legitimação da mulher em um mundo onde o conhecimento foi feito pelos homens brancos europeus nos leva a acreditar que somos incapazes de escrever bons textos, e a questionar: O que teria uma mulher negra brasileira para falar? Como romper com a construção subjetiva que fez de nós mulheres, e, principalmente, mulheres negras a duvidarem da sua voz, do seu pensamento, da sua capacidade de gerar conhecimento?

O encontro com as escrevivências, metodologia criada por Conceição Evaristo, despertado a partir da leitura de uma das obras da minha supervisora do pós-doc (que também é uma das praticantes da minha pesquisa), Edméa Santos (2022), o “Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19”, e através das demais praticantes³ das escrevivências, responde a essas questões, pois suas teorias e práticas vêm da ideia de sairmos de nossos dramas pessoais e entendermos como eles foram construídos dentro de uma construção cultural coletiva.

Assim, a partir do encontro com as praticantes e com Evaristo, das minhas vivências no Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura⁴ (GPDOC), das conversas com minha supervisora do pós-doc⁵ e da participação em cursos e leituras sugeridos por ela e por outras mulheres negras que atravessaram meu caminho, compreendo que não é apenas sobre a Maristela ter inseguranças sobre a escrita, mas sobre uma mulher negra que não foi aceita como negra, foi interrompida e diminuída em seu cabelo, sua voz, seu sentir, seu estar no mundo. É desse lugar de fala (Ribeiro,

³ Professoras (INSERIR NOMES E LINK DO JORNAL DE PESQUISA)

⁴ <https://ppgeduc.ufrj.br/grupo-de-pesquisa/>

⁵ Destaco aqui a importância da relação de parceria e amizade entre orientanda-orientadora/supervisionada-supervisora na contribuição do desenvolvimento da profissionalidade e no corte epistemológico nos processos de escrita/autoria em diferentes textos e linguagens, impressos e/ou digitais.



2019; hooks 2019; Kilomba, 2019), a partir de minha história pessoal imbricada na história de minha construção humana em uma sociedade racista, que busco me sentir validada a escrever e, a partir dessa justa percepção, trazer a força de meu criar.

A minha consciência aflorou, me identificando com as autoras citadas anteriormente, entre outras, de que não só essa dificuldade de expressão escrita impedia a minha autorização e autoria, mas também a dificuldade de me expressar verbalmente na maioria dos lugares onde eu transitava (primeiro na escola, mais tarde na universidade, nas mesas de bares entre outros), que o que eu sentia era “uma força agindo sobre mim que muitas vezes me impedia de falar ou existir plenamente em alguns espaços” (Ribeiro, 2018, p. 11). Em alguns momentos, me sentia machucada, apesar de nunca comentar a respeito sobre minhas chateações.

Na escrita da tese, começo a vencer algumas amarras que impossibilitavam alçar voos mais autorais/criativos, mas, foi com a minha pesquisa do estágio pós-doutoral e a escrita do texto que ora apresento, que muitas das barreiras foram vencidas, pois “compreendi que existia uma máscara calando não só minha voz, mas a minha existência (*idem*, p. 15). Atualmente, mais consciente de quem sou, com a força que carrego com toda a minha história, uma nova Maristela que sente, que brota, que é livre, que se liberta, escrevo esse texto, materializando um desejo. Que eu consiga expressar e ecoar a poesia da minha existência!

AS ESCRIVIVÊNCIAS E A PESQUISA-FORMAÇÃO: ABORDAGENS TEÓRICO-PRÁTICAS DA METODOLOGIA

A partir dos estudos dos textos de Conceição Evaristo (2020), ousar dizer que sendo uma mulher negra-feminista, meu texto é uma Escrivivência, pois como uma agente, sujeito da ação, assumo o meu fazer, o meu pensamento, a minha reflexão, “não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade” (Evaristo, 2020, p. 39). Explicando o conceito de Escrivivência, Evaristo traz “um imaginário mítico da cosmogonia africana para contrapor à narrativa de Narciso, aplicada ao entendimento da escrita de si como uma escrita narcísica”. Ela afirma que a escrevivência:

[...] não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrivivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas.



No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. (Evaristo, 2020, p.38-39)

Considero que meu texto, mesmo sendo uma história de minha vida, uma escrita de si, conforme a teoria de Evaristo, mas também na perspectiva do proposto por Bianca Santana (2020) no diálogo que ela faz com autoras-mulheres-negras como Carneiro (2005), hooks (2019), Kilomba (2019), entre outras, não esgota na narrativa de mim mesma, mas está impregnado da história de uma coletividade. Para Santana (2020, p. 210), a escrita de si de mulheres negras, “pela formulação estética de sua própria existência e trabalho de memória, possibilita a constituição de subjetividades e de sujeitos coletivos que permitem resistir ao racismo”.

Busco dialogar com um coletivo, prioritariamente de mulheres não-brancas, com problemas existenciais semelhantes aos meus. Me olhando nos espelhos de Oxum e de Iemanjá, encontro outras imagens para além do meu rosto individual, enxergo “rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos” (Evaristo, 2020, p. 39).

Para a escrita deste texto, concordando com Evaristo, (2018, p. 9) “minha memória ficcionalizou lembranças e esquecimentos de experiências”, que eu vivi algum dia. Como diz a autora, ‘uma criação pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção’. Todas as nossas histórias, mesmos as que experienciamos, quando contadas, parte delas é inventada, pois “entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção”.

A pesquisadora Maria Aparecida Salgueiro (2020, p. 111), evidencia que, com suas narrativas, Conceição Evaristo, partindo de suas experiências vividas, que emergem do seu cotidiano e de suas memórias, reforça a centralidade dos sujeitos negros, atravessada pela mediação da palavra, inventa formas de ver, olhar, enxergar o mundo brasileiro, seja através de poemas, diários, contos, romances, escritos espalhados em diferentes suportes/meios ou de projetos estéticos próprios. A referida autora nos ajuda no entendimento do conceito e as características das escrevivências. Nos estudos das obras de Conceição Evaristo, Salgueiro (2020, p. 108) encontra aspectos fundamentais presentes nessa escrita:

1. *Três aspectos que caminham juntos: “ter sempre se sabido negra”*, tal como presente em tantas entrevistas e escritos, afirmação que, além de ser em sua essência um marcador ato político, se soma em sua natureza a dado de *atemporalidade*, que remete à *ancestralidade*, aos duros/inomináveis tempos dos porões dos navios;

2. Os sempre presentes marcadores de *classe* e *gênero*;
3. A *oralidade*, como ponto de partida para a representação da voz do cotidiano, e com especial valorização da escuta das vozes femininas ainda sub-representadas e tantas vezes contestadas;
4. O duo *memória-família*: o trauma e a memória, escritas do corpo negro pela arte da palavra, inscritas no *poder de narrar do sujeito negro*;
5. O *combate ao racismo*;
6. A *resistência* e a *resiliência*;
7. A *síntese poética final*.

No meu texto aparecem muitas dessas características, implícitas ou explícitas. Entre elas, destaco algumas mais significativas. A primeira delas está relacionada com as memórias/narrativas apresentadas em forma de fotografias. Fundamentada em Nilda Alves (2008a), compreendendo que narrativas e imagens são, para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos⁶, personagens conceituais⁷, “entendo que, nossa formação e nossa biografia se dão dentro das múltiplas redes de conhecimentos e de significações a que pertencemos” (Alves, 2008, p. 178-179). Nesse sentido, nos processos de leitura de fotografias de meu acervo pessoal, fui compondo nas tessituras das realidades imaginadas por mim, enquanto pesquisadora, minhas interpretações possibilitadas pelo que venho aprendendo e construindo no processo de letramento racial.

Outra característica importante é o texto escrito em primeira pessoa. Giovana Xavier (2017) ao refletir sobre as narrativas em primeira pessoa nos escritos de mulheres negras, evidencia que essa escolha é uma pauta para restituir as humanidades negadas, das histórias que foram silenciadas. Para a autora:

Narrar na primeira pessoa as nossas histórias de beleza, força e sucesso é parte dessa restituição, pois produzir nossos próprios saberes a partir de quem somos e do que sonhamos representa revidar com a poderosa arma da beleza, o anonimato, a pobreza, o preterimento e os alarmantes indicadores sociais como a história única pela qual somos vistas e narradas. Significa a aposta em um projeto de humanidade negra comprometido em conferir visibilidade a trajetórias que nos fazem enxergar a diversidade que nos constitui. As potências que carregamos, multiplicamos e que estão ausentes dos grandes meios de comunicação. (Xavier, 2017, p. 2)

A autora citada nos chama a atenção sobre o posicionamento das autoras feministas como bell hooks nos EUA, Conceição Evaristo no Brasil e Djaimilia Pereira em Portugal, que, com suas

⁶ Abordagem de pesquisa em que procura nos, “processos individuais e coletivos, as maneiras particulares como se cria conhecimentos nos cotidianos, buscando compreender as diferentes lógicas com que se articulam”. (ALVES, 2008b, p. 40-41)

⁷ A autora usa o conceito de personagens conceituais conforme apresentado por Deleuze no livro *O que é filosofia?* (1992) de Deleuze e Guatarri.



obras colocam em primeiro plano o poder curativo que a escrita desempenha na vida de Mulheres Negras. Tentei, a partir de minha história de vida, um processo de conhecimento e formação, conforme proposto por Eliseu Clementino Souza (2008), reunindo situações, experiências e acontecimentos da minha vida, partilhando na configuração narrativa modos de dizer de mim, destacando percursos, trajetórias e transformações narrativas da minha história, como possibilidade não só de autoconhecimento, mas, principalmente no processo de construção da identidade docente e profissionalização, como possibilidade de orientação e reorientação da minha vida profissional.

É importante ressaltar que considero, conforme chama a atenção Eliseu Souza (2008), a partir dos trabalhos de Pineau (1999), Josso (2002), Catani (2003) e Souza (2006), que o meu trabalho tem características de história de vida, porque diferente do relato que “se refere a uma narrativa fiel da vida do indivíduo conforme a pessoa conta” (Souza, 2008, p. 126), ultrapassa os limites da narrativa, tornando-se um estudo de caso acerca das minhas memórias e história da minha vida, em diálogo com autores, estudiosos dos temas que emergem em minhas análises dos acontecimentos, o que contribui para o enriquecimento da pesquisa em questão.

Como docente-pesquisadora da cibercultura costumo acompanhar os fenômenos que ocorrem na sociedade atual, na relação cidade-ciberespaço, para com eles aprender e propor práticas pedagógicas, conforme proposto por Santos (2019). No caso específico do recorte da minha pesquisa de pós-doutoramento para o presente texto, o fenômeno é a minha própria história de vida e formação em diálogo com as histórias de vida e formação das praticantes culturais, no tocante aos processos de branqueamento, ao letramento racial e a luta antirracista, compartilhados em ambientes físicos e virtuais, em diferentes linguagens e suportes. Nesse sentido, fizemos uma bricolagem entre as escrevivências e a pesquisa-formação (Santos, 2019).

A pesquisa-formação, elaborada pela referida autora, parte dos fundamentos da pesquisa-ação de Barbier (2002), na multirreferencialidade (Ardoino, 1998), nas abordagens de formação de Freire (2011), Macedo (2006) e Nóvoa (2002, 2004), e na abordagem de pesquisa-formação de Josso (2004). Apesar de buscar subsídios nas referências citadas, para caracterizar a metodologia que adotou, Santos (2019, p. 102) atualiza os conceitos, a partir das experiências de docência on-line e da prática cultural da cibercultura. A ideia é fundamentar a pesquisa em contextos de educação online, instituindo-se assim o que ela intitula como “pesquisa-formação na cibercultura” ou “ciberpesquisa-formação”.

Eu me identifico com essa metodologia, pois também acredito que “nos colocamos no papel de pesquisadora ativa, envolvida e implicada com o processo de pesquisa e de aprendizagem” (SANTOS, 2019, p. 102) e que nessa abordagem não se separa a prática pedagógica da pesquisa. As experiências dessa metodologia, conforme sinaliza a autora, permitem acionar/criar ambiências e dispositivos de pesquisa para potencializar o registro e a expressão

das narrativas. No caso em questão, os dispositivos foram as narrativas, imagens, um jornal de pesquisa online criado por mim. Neste último dispositivo, fui explicitando toda a rede da criação da minha pesquisa-formação. A intenção, foi ao me formar, buscar fundamentos e práticas para formar futuros professores das licenciaturas da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), onde atuo como professora-formadora, e contribuir para a formação continuada de professores da educação básica e educação superior.

3. ENTRE O VER E O ENXERGAR:

MINHAS MEMÓRIAS E AS IMPLICAÇÕES NO MEU PROCESSO DE TORNAR-SE NEGRA

Sou filha de pai preto e mãe parda. Nasci de uma família de classe média, pai técnico agrícola, funcionário público, dono de pequenas propriedades agrícolas, uma herdada de seu pai e outras compradas por ele (vendidas há anos). Mãe professora, quando mais jovem – por muitos anos - e mais velha dona de um buffet, que foi referência em Itabuna, a cidade que moramos, e em toda a região do Sul Bahia, levando-a a publicar até um livro de receitas, “O meu caderno de receitas”. Minha família nunca foi rica, mas é considerada uma família tradicional pelos serviços prestados à comunidade, por ser constituída de vários servidores públicos, desde o meu avô. Destaques importantes, porque se relacionam com as questões referentes a interseccionalidade (Akotirene, 2020), pois apesar da negritude, por ser de classe média, não sofri determinados tipos de racismo.



Imagem 1: Meu pai, eu e minha mãe

Na educação básica e ensino médio sempre estudei em escolas privadas⁸. Como morava no sul da Bahia, nas escolas por onde passei, não me sentia diferente, pois a diversidade racial era

⁸ As instituições públicas educacionais começam a aparecer em minha vida a partir da minha entrada na educação superior.

contemplada. A diferença era mais sentida na minha própria família (primos e primas, alguns pardos, outros brancos e brancas – mas, a maioria, de cabelo “bom” e por onde eu transitava – eventos, outras escolas onde estudavam filhos de famílias mais abastadas, festas etc. Tinha amigas que não eram colegas). Meus pais não me enxergavam como negra. No dia que uma prima minha (professora da Universidade de Brasília, feminista, ativista) disse para minha mãe que eu era negra, ela “quase surtou” – um pouco de exagero – mas, realmente não aceitou. Para ela, eu sou “a moreninha”. Desde criança, minha mãe alisava meu cabelo, como pode ser visto em uma foto da infância e outra da adolescência. Nesta última, chama a atenção não só o cabelo, mas o rosto branco. Falarei sobre isso mais adiante.



Imagem 2: Na escola de Fundamental I



Imagem 3: Festa de 15 anos

Vivia em salões para fazer alisamento, em alguns momentos, usava bobes. Cheguei a usar o pente quente algumas vezes. Nunca senti nenhum tipo de raiva de minha mãe pelas tentativas de, na visão dela, me deixar mais bonita, eram seus cuidados para que sua filha conseguisse se adequar aos padrões de beleza exigidos pela sociedade. Giovana Xavier (2021b⁹), em uma de suas entrevistas, expressou exatamente a minha percepção em relação a essa atitude de minha mãe, que não pode ser depreciada. Inclusive, assim como Giovana, as minhas primeiras referências são as mulheres da minha família “que sempre tiveram uma cultura de arrumar os nossos cabelos, tanto por prezar a limpeza e higiene da apresentação, mas a gente sabe que isso é muito atravessado também como uma defesa contra o racismo” (Xavier, 2021b).

Penso que, o alisamento dos cabelos, como tentativa de embranquecimento para adequação as exigências da sociedade da geração de minha mãe, é proveniente do contexto vivido por ela e suas contemporâneas. Além de residente em um interior no Sul da Bahia, apesar de ser

⁹ Entrevista dada a Mariana Nascimento sobre o livro História Social da beleza negra, em 4 de setembro de 2021b. Publicada no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=gGMnTSzt6WE>) e transcrita no site do Instituto Portal Afro ([https://www.portalafro.com.br/a-historia-social-da-beleza-negra-com-giovana-xavier/](https://www.portalaфро.com.br/a-historia-social-da-beleza-negra-com-giovana-xavier/)).



professora, não teve oportunidade de desenvolver o letramento racial crítico, conforme Skerret (2011, p. 314), citado por Ferreira (2015, p. 35) que tem o objetivo de compreender “de forma como raça influencia as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos”. Provavelmente, se tivesse passado por um processo formativo sobre racismo/antirracismo, eu seria negra desde sempre e ela só alisaria meu cabelo em situações específicas. Dessa forma, seria apenas por uma opção estética e menos pelo não aceite do cabelo natural e constrangimentos que se passam as mulheres negras de cabelos crespo em alguns momentos, como fazem hoje muitas das ativistas negras, a exemplo de Viola Davis, a cantora Iza, entre tantas outras artistas e intelectuais.

Ainda concordando com Giovana Xavier, penso que, em alguns momentos, as narrativas das ativistas na contemporaneidade, relacionadas as questões do empoderamento de pessoas negras através do cabelo, ao assumir o black power, acabam desqualificando o que ela chama de projeto político de cuidado das nossas mães e, em alguns casos, das avós, com um viés de julgamento no tocante as várias formas de apresentar os cabelos crespos, criminalizando-as, apontando o alisamento como um ato de violência.

O destaque acima para o cabelo é que ele tem uma importância e significado muito forte na vida das adolescentes, principalmente as que tem cabelos crespos e cacheados, o que as levam a reservar boa parte de seu tempo para o trato com eles, chegando a diminuir seu tempo de descanso durante a noite, acordando até duas horas antes de ir para a escola, para arrumá-los/”domá-los”. Essa preocupação é explicada por Grada Kilomba:

Historicamente, o cabelo único das pessoas negras foi desvalorizado como o mais visível estigma de negritude e usado para justificar a subordinação de africanas e africanos (Banks, 2000; Byrd e Tharps, 2001; Mercer, 1994). Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período da escravidão. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negros e negras foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram as formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza. [...] revelam como negociamos as políticas de identidade e racismo [...]. (Kilomba, 2019, p. 126-127).

Hoje, reflito se, talvez a cor da pele e o meu cabelo “diferente” influenciavam na minha timidez por me achar deslocada em determinados espaços, o que eu não conseguia enxergar até algum

tempo. Não consigo/ou não quero me lembrar de muitos acontecimentos da minha infância e adolescência. A sensação que tenho atualmente é de apagamento de situações vividas. Me lembro do curso de inglês, das aulas de ballet e jazz, dos aniversários na primeira escola e que fiz todo o meu Fundamental I, das festas das datas comemorativas. Na adolescência, tinha muitos amigos, era alegre, gostava muito de festas, tinha “paqueras”. Mas, apesar de sempre ser elogiada, amada e reconhecida pelos meus méritos na escola e pelo meu “bom” comportamento, sempre me sentia inferior as outras colegas de turma.

Adorava ser professora, além de Lio, uma empregada doméstica, mulher negra que trabalhou por anos na casa de minha mãe (minha única aluna real da infância), uma tentativa frustrada, pois ela só queria aprender o nome para assinar os documentos - tinha meus alunos imaginários que estudavam na minha escola fictícia, localizada na garagem de casa, que era equipada com quadro de giz, estante, livros e outros objetos que caracterizam um ambiente escolar.

Meus pais têm uma casa de praia no município de Ilhéus, que fica localizada em um bairro onde reside muitos pescadores. Cresci passando minhas férias nesse lugar, onde brincava tanto com “veranistas” (muitos vinham de várias cidades da Bahia) e com as filhas dos locais, crianças majoritariamente negras. Gostava de ir à praia, de tomar banho de mar, e brincar de fazer comidinhas com areia e folhas/flores, utilizando os vasos de argila, presentes de minha mãe, trazidos de Nazaré, quando ela viajava de carro com meu pai para Salvador.



Imagem 4: Carnaval em Ilhéus-Ba - na casa de um tio, nas imediações da nossa casa de praia.

Na porta da minha casa, a brincadeira recorrente de final de tarde era a imitação de um programa infantil, naquela época o de Tia Arilma e Mara Maravilha – todas as apresentadoras eram brancas (era o Show da Xuxa do momento na Bahia). Dançar sempre foi um dos meus mais prediletos lazeres. Pelo meu interesse pelo programa apresentado por elas, minha tia Marinalva – irmã de minha mãe, me levou até Salvador para que eu pudesse ir até a emissora de TV e assisti-lo presencialmente. Não sendo isso possível, me levou até a butique de tia Arilma na Barra e para experimentar o picolé Yopa que aparecia na programação televisiva. Gosto de lembrar que, foi nessa viagem, a minha primeira experiência de andar de ônibus pela capital, em que tive a oportunidade de fazer imersão pelas ruas da cidade.

Apesar de fazer viagens curtas para municípios no sul da Bahia e, às vezes, ir com meus pais para Salvador (para passear, ir a médico, mandar fazer minhas botas sob medida etc, não me lembro de ter conhecido outras capitais, apenas Brasília, quando eu (já adolescente) e minha família fomos cuidar de um problema de saúde na família.

Além dessa lacuna na minha vida, que percebo por não ter viajado muito na juventude¹⁰, a leitura também não foi uma presença constante, pois nem meu pai, nem minha mãe (que era educadora, fez apenas o Magistério e trabalhava em escolas como gestora – como supervisora do Serviço de Orientação Educacional (SOE), vice-diretora e como professora na área de educação para o lar e artes) não foram leitores. Incentivavam muito os estudos, mas, apesar de minha mãe comprar “alguns” livros de “estórias”, não me lembro muito bem do incentivo à leitura para além do que era solicitado pela escola através dos livros didáticos e paradidáticos. Me lembro de uma estante que tinha na minha casa, cheia de livros, mas entre eles, a enciclopédia Barsa e outros de consulta, como um da história do município de Itabuna. Poucos livros de literatura. Aproveito para destacar que nos livros de histórias e didáticos, que lia na escola e em casa, só havia crianças/pessoas brancas. Não conhecia a história de pessoas negras.

Falando em representatividade, quando pequena sempre ganhei presentes, entre eles, muitas bonecas “louras”, inclusive as que enfeitavam meus bolos de aniversários, que eram comemorados todos os anos (com diferentes temas).



Imagem 5: Festa de aniversário.



Imagem 6: Festa de Aniversário

Um problema enfrentado por famílias de pessoas negras, pois não havia bonecas pretas disponíveis no comércio, e que ainda perdura na atualidade, apesar da pesquisa de domicílios

¹⁰ Lacuna superada após dois acontecimentos significativos em minha vida no ano de 1998: a minha entrada no Programa de Informática na Educação do Governo Federal (PROINFO) e a separação do meu ex-marido, pai do meu filho, quando eu começo a viajar a trabalho, para cursos e congressos e a conhecer inúmeras pessoas que antes não faziam parte do meu universo.

do IBGE de 2022 apontar que, conforme analisado no site do G1¹¹, a parcela da população brasileira que se declara preta deu um salto em 10 anos. Em 2022, **10,6%** dos brasileiros se declararam pretos, contra apenas **7,4%** em 2012. Maior grupo racial do país é da população que se declarou parda, com 45,3%. Foi o maior aumento entre os grupos raciais brasileiros. Ainda segundo informações disponíveis no site citado, os dados do IBGE também apontam que houve redução entre aqueles que se declaram brancos. Em 2021, eram 46,3% dos brasileiros. Já em 2022, o percentual caiu para 42,8%, uma redução de 3,5 pontos percentuais.

Autores, como Carneiro e Russo (2020), vêm sinalizando que, apesar de notarmos um avanço significativo de produtos de cabelo e de pele para a população negra, a falta de representatividade étnico-racial nos brinquedos comercializados no Brasil ainda permanece. Ao visitar uma loja da cidade em que moro, pude constatar que as prateleiras ainda são preenchidas majoritariamente com bonecas brancas de cabelos louros.



Imagem 7: Prateleira da loja visitada pela autora.

Em junho/2021, a organização social Avante divulgou o resultado da pesquisa da campanha “Cadê Nossa Boneca?”¹² apontando que apenas 6% de todas as bonecas fabricadas no país são negras¹³. O fato de não se fabricar bonecas pretas é explicado por Cruz (2011) quando ela ressalta que bonecos e bonecas são artefatos culturais, portanto:

¹¹ Disponível em:< <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/06/16/populacao-que-se-declara-preta-sobe-para-106percent-em-2022-diz-ibge.ghtml>> Acesso junho 2023.

¹² Disponível em <https://avante.org.br/publicacoes/campanha-cade-nossa-boneca-2020/> Acesso abril 2023. Analisado por Camilla Millan I @camillamillan Publicado em 28/10/2020, no site disponível em:< <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/bonecas-pretas-contemplam-apenas-6-dos-modelos-no-mercado-diz-levantamento/>> Acesso abril 2023.

¹³ Informação retirada do site Andi: Comunicação e direitos. Disponível em:< https://andi.org.br/infancia_midia/pesquisa-aponta-falta-de-representatividade-nos-brinquedos-no-



[...] estão articulados a um conjunto de práticas sociais e culturais, pois representam um determinado grupo de pessoas, certos lugares e diferentes identidades ou perfis sociais. Tendo em vista que são objetos de identificação e representação da normalidade, retratam uma determinada época e lugar, por meio de marcas sociais que estão imersas em relações de poder. Tais marcas revestem-se de ricos significados culturais do ideal de beleza, de corpo e de sujeito. (Cruz, 2011, p. 44)

As referidas autoras, citando Leni Dornelles (2003) afirmam que algumas características, criando subjevidades, vão se sobrepor a outras para que atendam ao que é considerado/aceito como normal em um determinada época e lugar, imposto pelas relações de poder. O que foge dessa normalidade é o diferente, é o outro. No caso das bonecas, não basta ter pele branca, é preciso ter cabelos loiros e olhos claros, além do corpo magro, seguindo um único padrão de beleza eurocêntrico, assim “este é o tipo de brinquedo consumido em série para crianças no que tange às ‘diferenças’ sejam elas raciais, de gênero, geração ou etnia”.

Dessa forma, “ao eleger uma estética corporal, uma raça, um gênero ou geração como ‘a melhor’ se naturaliza e generaliza apenas um modo de subjetivação, e tudo o que é diferente dele, torna-se negativo”. (Cruz, 2011, p. 44). Essa negação é uma forma de racismo ou de disparidade perante a população negra, impregnando-as em estereótipos e marcando-as por uma essência de inferioridade, negando as suas diferenças, cultura e valor” (Carneiro e Russo, 2020, p. 1112). A negação não se refere somente a aparência física, mas as formas de ser e pensar. A partir de Fanon (2008), Carneiro e Russo (2020) fazem uma relação entre racismo e subjetividade, afirmando que “a subjetividade do negro é marcada por uma neurose tão intensa, que é capaz de gerar uma alienação da sua condição de sujeito negro, levando-o até a pensar sob a ótica da pessoa branca” (Carneiro e Russo 2020, p. 115).

Considerando as análises dos autores citados (2020, p. 117), a partir de Nogueira (1998), há uma alienação dos negros brasileiros em relação ao seu próprio corpo, levando ao desprezo e ódio da sua aparência e da sua condição, conseqüentemente, a autodestruição. O que, de modo geral, assim como aconteceu comigo e outras mulheres ao meu redor inicia-se uma tentativa de apagamento das marcas físicas (através do branqueamento da pele, alisamento de cabelo etc) e como dizem referidas autoras, também psíquicas, através da negação da sua condição física de pessoa negra. Assim, “iniciam uma busca por uma falsa identidade, ou seja, não representam àquilo que são verdadeiramente” (Carneiro e Russo 2020, p. 117).

[pais/#:~:text=Apenas%206%25%20de%20todas%20as,apenas%206%20representam%20pessoas%20negras>](#)
Acesso abril/2023.



As pesquisadoras chamam a atenção que essa anulação identitária impede o negro de desenvolver um sentimento de pertencimento racial e a construção de uma autoestima positiva. Cruz (2011) lembra das bonecas Barbie e as princesas da Disney que foram criadas partindo de um ideal de beleza difundido nos séculos XX e XXI, com as marcas revestidas de significados culturais de beleza. Marcas estas que produzem verdades sobre como deve ser o corpo, seguindo o pensamento hegemônico e eurocêntrico, o que constrói uma representatividade que contribui para uma autoimagem negativa da criança negra.

As bonecas, tão presentes nas minhas festas de aniversário, me trazem na memória, o gosto de minha mãe por comemorações. Ela tinha dotes artísticos, gostava de fazer doces e decorações, o que lhe proporcionou mais tarde a abertura de buffet. E por falar sobre a criação do buffet, é importante ressaltar que foi uma conquista/luta de minha mãe fugindo do patriarcado, conforme sintetiza Akotirene (2020, p. 118), “sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra mulheres”, amarrava seus desejos, impedindo-os de serem materializados. Meu pai não admitia que “sua mulher” fizesse doces/comidas para ganhar dinheiro. Naquele período, achávamos que ele tinha vergonha, que era humilhante, que ela não tinha necessidade de fazer aquilo, que era receio sobre o julgamento.

Mas, hoje, percebo, que na verdade, era o medo de que aquela nova profissão lhe rendesse uma renda maior do que a dele. E foi, de fato o que aconteceu. Minha mãe foi proprietária de um buffet famoso na cidade e região, incluindo a publicação de um livro de receitas, aparição em programas da Rede Globo, em propagandas de produtos de culinária locais em uma TV local etc. Com sua nova profissão, já aposentada da rede estadual de ensino, passou a ter uma renda maior que a de meu pai, além de precisar se ausentar de casa por mais tempo e ser bastante solicitada pela sociedade em várias frentes, não só para prestação de serviços remunerados, mas como voluntária de várias causas sociais, o que ela se dedica até hoje. Foi um período de muitos conflitos familiares. Mas, mais tarde, ele terminou aceitando e, em alguns momentos chegando a apoiá-la de diferentes formas. Nos últimos anos, o buffet foi fechando aos poucos, em decorrência dos problemas de saúde de minha mãe e pela sua idade já avançada (hoje com 84 anos), passando a viver com o salário de professora aposentada e a pensão de meu pai, falecido em 2021, vítima da Covid 2019.

Na adolescência, estudei o Fundamental II em uma outra escola. Nesse período, fui convidada para assumir lugares de destaque em alguns desfiles cívicos, a exemplo do que mostra a imagem a seguir, em que fui porta-bandeira em um desfile de sete de setembro. Hoje, percebo minha posição privilegiada de se considerada a “moreninha”.



Imagem 8: Eu desfilando no Sete de setembro.

No ensino médio, com 14 anos, fazia científico pela manhã (não conclui) e magistério a noite, quando me certifiquei que realmente queria se professora. Passei no vestibular com 17 anos. Iniciei o curso de Letras. Nos primeiros semestres, trabalhava em um banco durante o dia e ia para a faculdade a noite. Não deu para conciliar o trabalho no banco com os estudos, pois não tinha hora de saída, precisava muitas vezes fazer hora extra. Assim, logo após a minha demissão, fui trabalhar na secretária de uma escola privada, por pouco tempo. Achava que não concluiria aquele curso, tinha dúvidas se era aquilo mesmo meu projeto de vida. Mas, finalizei e logo fui aprovada em concurso público para docente em escolas da rede pública estadual de ensino e depois para a rede pública municipal.

Por ser magra, correspondendo aos padrões de estética esperado do corpo feminino, no ano de 1995, fui convidada para desfilar para uma loja de artigos femininos de uma amiga. Esse desfile me deixou marcas, que sempre aparecem em minhas lembranças, por causa da maquiagem com produtos para brancos que foi feita em mim, as cores do pó e do blush destoaram completamente da minha cor de pele (lembranças também da minha festa de quinze anos – imagem postada nos parágrafos iniciais deste texto). Revendo as fotos a seguir, com o olhar para o público, majoritariamente de pessoas brancas, penso que para aqueles que me arrumaram não podia ser diferente, pois precisava me aproximar do padrão de beleza esperado por aquelas pessoas que ali se encontravam, ou talvez, pela ausência mesmo de produtos da cor da minha pele.



Imagem 9: Desfile



Imagem 10: Desfile

Ao analisar as propagandas de produtos de beleza para mulheres negras, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, Xavier (2021c) conclui que cabelo “liso” e a pele clara eram sinônimos de “bonito”. Propagandas veiculadas na imprensa e a indústria dos cosméticos reforçavam a perspectiva da cosmética negra como realizadoras de “milagres” para o cabelo e para a pele. Havia um discurso da pele escura como feia, assinalando a necessidade do clareamento da pele e o alisamento do cabelo como modos de banqueamento. Assim, se esse era o desejo da sociedade, para que investimento em produtos que se aproximassem mais da pele negra e dos cabelos crespos, “na cosmética negra, clarear a pele era uma proposta para mulheres de compleição escura melhorarem de vida e alcançarem a equidade racial, individual e familiar” (Xavier, 2021c, p. 90).

A referida autora chama a atenção que à base de soda cáustica e outros abrasivos, de composição química desconhecida, os clareadores feriram e mataram muitas pessoas, “principalmente mulheres negras que em busca de serem “admiradas”, “amadas” e “respeitadas”, sentiam na pele os altos preços da opressão capitalista, racial e de gênero”. (Idem, p. 92).

Me casei com 21 anos, com o namorado, um homem negro, que tive desde os 17, pai do meu filho. Fiquei 8 anos casada e, quando me separei, aos 29 anos, meu filho tinha apenas 3 anos. Naquele período, eu não tinha consciência do que era ser uma mãe negra solo de um filho negro (de pele clara). Hoje, eu tenho condição, a partir de minhas memórias, de enxergar o que não enxergava, os episódios de racismo cotidiano vividos na rua, na escola e nas famílias por onde meu filho transitava, implícitos nas falas, principalmente de algumas mães e em ações de



determinadas professoras. Mas, considerando o escopo desse texto, não vou relatar estes acontecimentos.

4. A VIDA ACADÊMICA, O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO E AS IMPLICAÇÕES NA MINHA VIDA PESSOAL

Logo após a minha separação, minha vida tomou um novo rumo, quando conclui a especialização em Informática na Educação (UEFS) e fui transferida de uma escola da educação básica da rede pública estadual para atuar na formação de professores no Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE no município de Itabuna em 1998. Em 2004 fiz uma segunda especialização em Sistemas e Planejamento em Educação a Distância na UEFS. Em seguida, Mestrado (2007) e Doutorado (2015), ambos na Faculdade de Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Todo esse percurso acadêmico exposto, me levou para a área de educação/docência online e formação de professores. Em todo esse período de estudos, uma vida diferente foi se descortinando, passei a fazer diversas viagens, a conhecer pessoas com diferentes perfis, a me relacionar com outras pessoas (relações de amizade e amorosas), a conhecer um mundo totalmente diferente do que eu vivia. É importante ressaltar aqui, o surgimento do meu companheiro (1999), meu marido José Laureano Veloso - homem pardo-, que se tornou meu amigo, admirador e, principalmente, um aliado, um incentivador, um parceiro das causas/lutas antirracistas. Uma relação que já dura mais de vinte anos.

Após o término do doutorado, fui aprovada no concurso para professora na UFSB, parte da minha história de vida que merece ser contada com mais detalhes, devido a influência nas mudanças radicais nos meus modos de ser e estar no mundo. Logo de início, é importante ressaltar que fui cotista e o meu reconhecimento sobre a importância de me posicionar em relação a essa ação afirmativa. Concordando com Livia Santana:

As cotas raciais representam uma das poucas (e ainda insuficientes) respostas dadas pelo Estado brasileiro à secular barbárie produzida contra corpos negros e cujos perversos efeitos seguem, de um lado, naturalizando ausências – de pessoas negras em espaços de poder e decisão –, de outro, normalizando uma necropolítica que condena (quase que inexoravelmente) a existência negra à pobreza, ao subemprego, ao cárcere, à morte prematura, ao não ser. Logo, não se trata de nenhuma benesse ao povo negro, mas de uma política pública que lhe é devida e que atua para mitigar o poder devastador que o racismo ainda exerce na sociedade brasileira. (Vaz, 2022, p. 141-142)



Fui aprovada em segundo lugar no processo seletivo da universidade, o que me leva a crer que, independentemente de ter optado ou não pelo sistema de cotas, obteria essa aprovação, em decorrência do meu currículo, mais especificamente, no tocante a minha vasta experiência e publicações na área de docência online e formação de professores. A UFSB já nasce no contexto da cibercultura, tendo os princípios dessa cultura contemporânea como pilares de suas diretrizes curriculares, expressos no seu plano orientador¹⁴. Atenta a esse contexto Ciber cultural (sendo criada em 2014), vai buscar como seu marco teórico, ideias de autores clássicos (A Universidade Popular de Anísio Teixeira e A pedagogia da autonomia de Paulo Freire), visionários, pois apesar de não viver em tempos de tecnologias digitais em rede, já percebiam esses artefatos culturais, as tecnologias, como potencializadores de uma educação mais humanizadora, democrática, libertária, capazes de desenvolver o pensamento crítico e a autonomia do estudante.

As ideias desses autores se concretizam no modelo pedagógico da instituição. Para o interesse da nossa discussão, destaco, a indicação para uso das tecnologias em uma concepção pedagógica dialógica, que busca a autonomia do sujeito cognoscente nas construções de caminhos possíveis, num espaço expandido de aprendizagem, para além da sala de aula. As tecnologias digitais são consideradas para além de uma visão instrumental, mas como estruturantes de outras formas de ensinar e aprender, de se comunicar, de se produzir conhecimento.

A UFSB foi criada com um currículo diferenciado, busca fundamentos e práticas na epistemologia do Sul. Contrapondo as matrizes eurocêntricas do pensamento hegemônico ocidental colonizador, propõe a epistemologia dos conhecimentos ausentes e uma pedagogia da emergência. Dessa forma, as pautas sobre as relações étnico-raciais, o interculturalismo, a ecologia de saberes são fundantes nas práticas da universidade e se materializam na política da universidade em diferentes frentes, mas principalmente na oferta de componentes curriculares, sendo eu professora de alguns deles. Esse movimento da universidade contribuiu definitivamente para o meu “descobrir/tornar-se negra” (Santana, 2015; Souza, Neusa 2021). Para esta autora:

ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. [...]. A possibilidade de construir uma identidade negra - tarefa eminentemente política - exige como condição imprescindível a contestação do modelo advindo das figuras primeiras - pais ou substitutos - que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com esse modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio. (Souza, 2021, p. 115)

¹⁴ Disponíveis em: < <https://ufsb.edu.br/wp-content/uploads/2015/05/Plano-Orientador-UFSB-Final1.pdf> >

A minha inserção no contexto acadêmico, em diálogo com autoras, mulheres, tem me possibilitado, a partir das minhas vivências, enquanto mulher negra, sentidas na carne e na pele, criar um pensamento reflexivo-crítico sobre isso e outros pontos que fazem parte da minha subjetividade, construída em uma subjetividade coletiva, marcada pelo contexto histórico-cultural. Este movimento, do processo de letramento racial crítico, me encorajou a transicionar meu cabelo, a deixá-los naturais, em uma representação subjetiva e política do modo como me enxergo e enxergo minha autoria no mundo, começando em alguma medida, pela autoria de assumir quem sou. No começo foi um processo difícil, diante de tudo que foi narrado anteriormente, mas hoje não consigo me ver de outra forma que não seja com meus cabelos cacheados.



Imagem 11: Foto tirada, por meu filho, em 06/01/2019.
(Início da transição do cabelo)

Ao participar de um curso de pesquisa e criação chamado "Escuta Criativa" em 2022, narrando a minha história de vida através de texto e imagens, sendo uma delas, a foto acima com meus cabelos ao vento, fui provocada pelas participantes com cinco questões, a saber: como eu trabalhei/trabalho a questão da identidade com meu filho?; Por que a Educação? Por que ser professora? Qual é a sensação de ver seus cachos livres ao vento? Além do cabelo, onde a palavra liberdade está no seu corpo?

As leituras que tenho realizado e os vídeos de autoras negras têm me tocado de uma forma nunca vista antes por mim. Na busca de respostas para as questões acima deixei assentar minhas histórias, principalmente no que mais mexeu com meus sentimentos, buscando não só ouvir vozes negras, mas, principalmente me ouvindo. E assim fui me nutrindo com minhas próprias experiências, com minhas narrativas, fui desvelando a minha história, atenta a esse movimento de autoconhecimento.

As provocações me ajudaram a resgatar nas minhas memórias, principalmente nas mais recentes, após os meus estudos atuais, reflexões sobre a minha identidade e existência. Quem é essa nova Maristela que se nutre da própria experiência, ouvindo a si própria? Cheguei a



conclusão que estou me posicionando mais, me autorizando na escrita, deixando emergir meus sentimentos, trazendo cenas da minha vida (memórias/lembranças) que me afetaram relacionadas a minha autoestima, ao racismo etc., articulando-as com o meu tema atual de pesquisa. Tenho me encontrado em eterno estado de atenção a cenas cotidianas de racismo, hoje eu enxergo situações/coisas que não conseguia ver antes, ou por ignorância, ou talvez por porque não queria enxergar mesmo; tenho aproveitado a escrita como instrumento terapêutico; por fim, me implicando cada vez mais com a minha criação/autoria. Em relação a educação, é a forma que encontro para contribuir na formação e empoderamento de outras pessoas, principalmente nos processos formativos de professores.

Na busca desse mundo melhor, precisei me curar de machucados que nem eu sabia que existiam na minha vida. Nesse sentido, assim como Heleine Fernandes de Souza (2020, p. 29), “me entregar a esta pesquisa teve um efeito curativo”. A pesquisadora lembra de bell hooks que defende a importância da teoria intelectual na construção de uma prática social transgressora e libertadora. E de fato, foi o que aconteceu comigo, este texto “que apresento foi se inscrevendo em meu corpo antes de chegar ao papel, através de experiências que mudaram o meu modo de ver e me colocar no mundo” (Souza, 2020, P. 30).

Ainda fazendo coro com Heleine, busquei colocar na centralidade do meu trabalho as teorias e práticas de mulheres negras, não só as praticantes da pesquisa, como também as obras de escritoras negras, contribuindo para romper a invisibilidade presente na sociedade brasileira, marcadamente racista, sexista e classista. Concordando com ela, considero importante dar protagonismo a pessoas e a modos de ser e pensar que foram silenciados, sujeitos vitimizados pelo epistemicídio. Nesse sentido, “aposto no aspecto político de escrever, ler e citar, apontado por Conceição Evaristo no prefácio do livro de ensaios de Sueli Carneiro”:

Promover os nossos textos entre nós mesmas, e para além de nós, investigar uma bibliografia não conhecida ou não recepcionada como objeto científico, mas que nos informa a partir do nosso universo cultural negro, insistir em apreender as informações contidas na obra, são atos de leitura que se transformam em atos políticos. Quando optamos por uma autoria e não outra, para compor o aparato crítico, as referências teóricas das pesquisas que pretendemos empreender, consequentemente, vamos apresentar outras citações. Nesse sentido, estamos compondo uma outra política de citação, a partir de conhecimentos, até então, subjugados. (Carneiro, 2018, p. 8, apud Souza, Heleine, 2020, p. 31).

Mesmo mantendo a bibliografia que já fazia parte do meu acervo de leituras/estudos, pois seria preciso manter textos já escritos no meu doutorado, no decorrer do período do meu pós-doc ampliei meu repertório com inúmeros autoras e autores não brancas/não brancos da atualidade. Descobri diferentes intelectuais, ativistas de feminismo negro (Collins, 2016; 2021; Pinheiro, 2020; Carneiro, 2011, Ribeiro, 2018; Davis, 2022; hooks, 2019, entre outras), que lutam por uma educação antirracista, “que me deu recursos para repensar meu lugar no mundo e também



me forneceu linguagem para enfrentar o silenciamento”. (Souza, 2020, p. 31). No diálogo com referências antigas e novas, fomos compondo o presente texto.

Percebo mudanças significativas em minha vida após o período do meu pós-doutoramento. Penso que, com a colaboração da minha supervisora-amiga, foi/está sendo um período de encontro comigo mesma e com minhas raízes. Precisei fazer esse estágio para entender a minha própria história. Hoje, depois de todo o processo vivido, me sinto com mais maturidade, consciente de si, uma nova Maristela que se tornou, a que desejo que apareça nesse texto, reconhecendo a importância da autodefinição da mulher negra e o poder de contar as suas histórias, conforme sinalizado por Patricia Hill Collins (2016) no seu artigo “Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do feminismo negro”.

Hoje mais feliz que antes, ciente da minha beleza e da importância que essa descoberta causa na vida uma mulher negra, tenho me dedicado aos cuidados da minha mente e corpo, a este tenho dado uma atenção especial, pois passei boa parte da minha vida dedicada aos estudos e ao trabalho, esquecendo de me tocar, de me sentir, de me maquilar, de perceber as demandas de meu corpo que poderiam aumentar minha auto-estima, deixar meu espírito mais livre, me encontrar com minhas ancestralidades, empoderada. Inclusive hoje, temos produtos apropriados para nossa cor de pele e nosso tipo de cabelo. Assim, resolvi me olhar mais no espelho, reconhecendo também a importância de virá-lo para outras mulheres, consegui entender não só o significado da beleza negra, mas principalmente o valor da partilha, pois:

[...] a beleza negra é o domínio do poder de virar o espelho para você se ver e também saber que o espelho precisa ser virado para o outro para que o outro possa se ver, talvez de uma maneira que nunca tenha se visto antes. [...] Beleza tem a ver com liberdade da alma. Não é só se a pessoa é bonita ou feia, mas sobre alma livre, sobre criatividade, talento, protagonismo, autoria, são coisas que nós temos dentro da gente” (Xavier, 2021b)

Nesse sentido, o que aprendi com os espelhos partilhados com Alexandra Lima, Bárbara Carine Pinheiro, Edméa Santos, Giovana Xavier, bell hooks, Djamilla Ribeiro, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, entre tantas outras, quero, com toda humildade, poder me juntar a elas e contribuir nas aprendizagens de outras mulheres negras.

5. EU, MEU NETO, UM COLETIVO E A LUTA ANTI-RACISTA: UM BREVE FINAL PARA UM INÍCIO DE UMA LONGA CAMINHADA

No processo do Curso escuta Criativa, revelei que não gostaria que meu neto (naquele momento ainda na barriga de sua mãe, filho um homem negro e uma mulher branca) sofresse com o



racismo cotidiano, que não passasse por situações constrangedoras e que também aprendesse não só a lidar com a diversidade, mas ajudar na construção de um mundo mais humano. Atendendo a solicitação que me foi feita, fiz uma carta para Noah, meu neto, apresentando a Maristela que nasceu após a tomada de consciência como mulher negra.

Meu neto, Noah! (Maristela) é sua vovó! Uma avó que está estudando, pesquisando, lutando para que você e outras crianças e jovens encontrem um mundo melhor, menos racista, de mais amor e afeto, onde vocês possam habitá-lo. Desejo que você se junte a mim nessa caminhada!

Nesse sentido, em co-autoria com duas parceiras, escrevi no ano corrente, um texto intitulado “O racismo cotidiano: um caso de pesquisa etnográfica na cibercultura”¹⁵, onde problematizamos o racismo cotidiano a partir das noções subsunçoras, achados que se revelaram no percurso da pesquisa: a supremacia branca e o colonialismo e o privilégio das pessoas brancas. Apontamos propostas e caminhos possíveis por uma luta antirracista reconhecendo a educação como campo central da luta, na qual a opção pela neutralidade não existe.

Entre as considerações possíveis, no artigo citado destacamos a necessidade da constituição de uma nova episteme que paute os currículos e os processos formativos, destacando ainda o papel crucial dos processos formativos de professores/pesquisadores para a implementação/fortalecimento de uma educação antirracista. Ampliando essa necessidade, tenho um propósito de me somar a mulheres feministas negras e a todas as famílias nesta luta: ensinando a transgredir, propondo uma educação como prática de liberdade (hooks, 2017); desenvolvendo o letramento racial crítico (Ferreira, 2015; Santos, Edméa et al, 2022); descolonizando os saberes (Pinheiro, 2020); superando o racismo na escola (Munanga e outros autores, 2005; Gomes, 2012a; 2012b); contando outras histórias (Adichie, 2019); educando crianças feministas (Adichie, 2017); formando crianças, jovens e professores (Ribeiro, 2019; Pinheiro, 2023). Hoje, mais do que ontem, como docente de um Programa de pós-graduação em Ensino e relações étnico-raciais, encontro um *espaçotempo* maior para concretização dessas teorias e práticas no movimento de pesquisas-formação e escrituras.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

¹⁵ Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/71243> > Acesso em 20 fev. 2026.



ADICHIE, C. N. Para educar crianças feministas: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. (org.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 24-41.

ALVES, Nilda. Lembranças em imagens. In: PASSEGI, Maria da Conceição Passegi, BARBOSA, Mabel Nobre (Orgs.). Memórias, memoriais, pesquisa e formação docente. Volume 6. Natal, RN: EDURFRN: São Paulo: Paulus, 2008a. p. 175-195.

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês B. e ALVES, Nilda. (orgs.). Petrópolis: DPet Alí, 2008b. p. 39-48.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BARBIER, R.A pesquisa-ação. Trad. Lucie Didio. Brasília: Editora Plano, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. Belo Horizonte: letramento, 2018.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Portal Geledés, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?gclid=CjwKCAiA5Y6eBhAbEiwA_2ZWIfd7HKUNze99JtqT5_8smenBzOrvEp4gpogqlHrce-qwcCiHN6qJshoCqggQAvD_BwE> Acesso jan. 2023.

CARNEIRO, S. Escritos de uma vida. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (org.). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 271-289.

CARNEIRO, S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese de Doutorado. FE-USP, 2005.

CARNEIRO, Carolina Zolin e RUSSO, Maria José de Oliveira. A criança negra e a representatividade racial na escola. In: Cadernos de Educação, v.19, n. 38, jan.-jun. 2020. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/10648>> Acesso junho 2023.

CATANI, Denice Barbara. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação e em processos de formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: UNESP, 2003. P. 119-130.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 16 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.



COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do feminismo negro. In: Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 08 jan. 2023.

CRUZ, Michelle Brugnera. Bonecas, diversidade e inclusão: brincando com as diferenças. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 28, n. 85, p. 41-52, 2011. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100005 >. acessos em 24 jun. 2023.

DAVIS, Viola. Em busca de mim. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.

DORNELLES Leni V. O brinquedo e a produção do sujeito infantil. Centro de Documentação e Informação sobre a Criança. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança;2003.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad.: Renato Silveira. Salvador, Edufba, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Editora Martins Fontes, 2017.

hooks, b. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.26-46.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. Edição do Kindle.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012a. Disponível em:<

http://www.apoeesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf> Acesso em jan. 2023.

GOMES, N. L. (2012b). Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. *Retratos Da Escola*, 2(2/3). <https://doi.org/10.22420/rde.v2i2/3.127> Acesso em jan. 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 237-256.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa, 2002.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACEDO, Roberto. Sidnei. *Compreender/mediar a formação: o fundante da educação*. Brasília: Liber Livro editora, 2010.

MARQUES, Mário Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 4.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

MUNANGA, Kabengele. (org.) *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada / – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em:<
http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf> Acesso junho 2023.

NOGUEIRA, Izildinha Beatriz. *Significações do Corpo Negro*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

NÓVOA, Antonio. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: EDUCA, 2002.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez Editora, 2004, p. 11-34.

PINEAU, Gaston. *Experiências de aprendizagem e histórias de vida*. In: CARRÉ, Philippe; CASPAR pierre: tratado das ciências e das técnicas de formação. Tradução: Pedro sixas. Lisboa; Instituto Piaget, 1999. (Coleção Horizontes pedagógicos).

PINHEIRO, Bárbara Carine. *@Descolonizando saberes: Mulheres negras na ciência*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

PINHEIRO, B. C. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019a.



RIBEIRO, D. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Escrivivência: conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrivivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p.96-113.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da Criação*: construção da obra de arte. 2.ed. São Paulo: Horizonte, 2008.

SANTANA, Bianca Quando me descobri negra / Bianca Santana; ilustração Mateu Velasco. São Paulo: SESI-SP editora, 2015.

SANTANA, Bianca Maria de. A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência ao racismo. 2020. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.27.2020.tde-01032021-161836. Acesso em julho 2023.

SANTOS, Edméa. Escrivivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SANTOS, E. Pesquisa-formação na ciberultura. Teresina: EDUFPI, 2019.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. Feminismo negro e suas práticas no campo da cultura. Revista da ABPN, v. 1, n.1, mar./jun., 2010.

SKERRETT, A. English teachers' racial literacy knowledge and practice, *Race Ethnicity and Education*, v. 14, n.3, p. 313-330, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memoriais autobiográficos, profissionalização docente e identidade: histórias de vida e formação na pós-graduação. In: PASSEGI, Maria da Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (orgs.). Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2008. p. 119-131.

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Educação em questão*. Natal: EDUFRN, v. 25, n. 11. P. 22-39, jan-abril. 2006.

SOUZA, Heleine Fernandes. A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Malê, 2020.



SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

XAVIER, Giovana. História social da beleza negra. 1ª ed. Ro de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021c.

XAVIER, G. Entrevista dada a Mariana Nascimento sobre o livro História Social da beleza negra, em 4 de setembro de 2021b. Publicada no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=gGMnTSZt6WE>) e transcrita no site do Instituto Portal Afro ([https://www.portalafro.com.br/a-historia-social-da-beleza-negra-com-giovana-xavier/](https://www.portalaфро.com.br/a-historia-social-da-beleza-negra-com-giovana-xavier/)).

XAVIER, G. Entrevista a Lili Schwacz, 2021a. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5MG06xqatlo>> Acesso 01 fev. 2023.

XAVIER, G. Feminismo: direitos autorais de uma prática linda e preta. Folha de São Paulo, 19 jul. 2017. Disponível em:< <https://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/07/19/feminismo-uma-pratica-linda-e-preta/>> Acesso em 03 jan. 2022.

XAVIER, G. É possível substituir mulheres negras como objetos de estudos por mulheres negras contando suas histórias. Declaração feita durante conferência na 71ª Reunião Anual da SBPC, 2019. Disponível em: < <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/e-possivel-substituir-mulheres-negras-como-objetos-de-estudos-por-mulheres-negras-contando-suas-historias-afirma-professora-da-ufrj/>> Acesso em 03 jan. 2023.

VAZ, Livia Sant'Anna. Cotas raciais. São Paulo: Jandaíra, 2022.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.